

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1898-1900

N.º 7

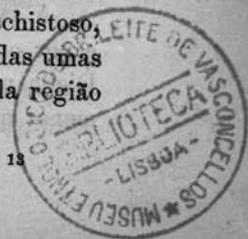
Estação romana da Ribeira (Tralhariz)

Por communicação do Sr. Albino Pereira Lopo, illustrado official do nosso Exército e a quem se devem importantissimos serviços no campo da archeologia do Norte de Tras-os-Montes, soube eu ha tempos que haviam apparecido em Janeiro d'este anno na Quinta da Ribeira, pertencente ao Sr. Candido de Frias Sampaio e Mello, umas ruinas romanas dignas de estudo. Ao mesmo tempo o meritissimo abbade de Miragaia, o Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, escrevia-me tambem a participarme o facto. O mesmo via eu noticiado em alguns jornaes da capital. Tendo-me dirigido por carta ao Sr. Candido de Frias a pedir-lhe informações, este nobre fidalgo não só se dignou responder-me immediatamente, mas levou a sua amabilidade a convidar-me para ir ver as ruinas, convite que repetiu em cartas successivas.

Em virtude d'isto parti para o Norte. No dia 16 de Março, pelas duas horas da tarde, descia eu do comboio na estação de Foz-Tua, onde tinha a honra de ser recebido pelo Sr. Candido de Frias, que me esperava juntamente com seus parentes o Sr. Joaquim de Sousa Pinto Barroso e Carlos Machado, e com o Sr. tenente Albino Pereira Lopo, aos quaes depois se aggregou o Sr. Dr. Manoel da Costa Rocha.

Foi em tão boa companhia que visitei as ruinas romanas, depois de todos havermos subido uma ingreme ladeira, situada sobre o Tua, e vestida de flores silvestres, que com seus perfumes nos regalavam.

A quinta da Ribeira fica no termo de Tralhariz, distante alguns kilometros d'esta povoação, no concelho de Carrazeda de Anciães. As ruinas estão numa encosta, a cavalleiro do rio Tua, em terreno schistoso, com um melancholico horizonte de montanhas em volta, separadas umas das outras por valles fundos, como em geral succede naquella região trasmontana.



As ruínas appareceram da seguinte maneira.

Andava o caseiro da quinta a fazer um calço no olival que está junto da casa da quinta, e achou um pedaço de mosaico, de certa extensão. Como os nossos aldeãos, quando descobrem algum monumento archaico, imaginam que elle contém thesouros escondidos ou encantados, este trabalhador imaginou o mesmo, dando-se pressa a desmanchar tudo, na esperança de descobrir o ambicionado *haver*. Com o proseguimento do trabalho continuou porém a apparecer mosaico.

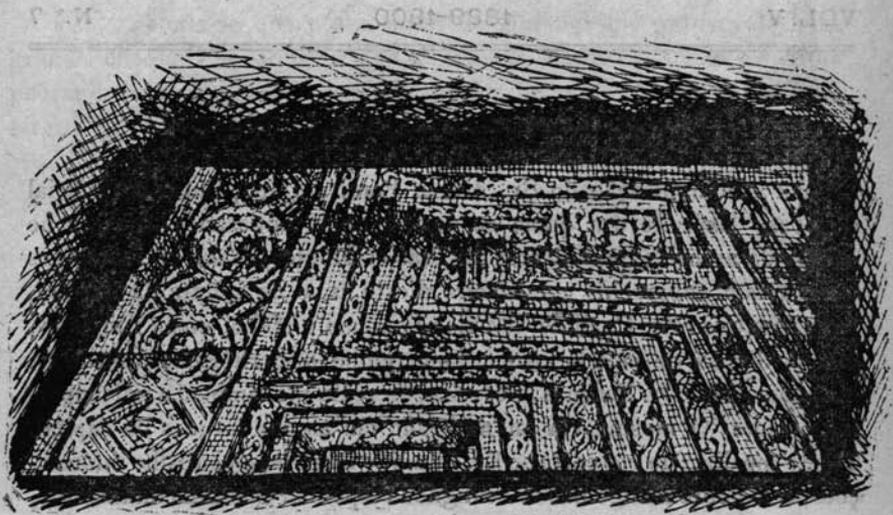


Fig. 1 — Conjunto do mosaico da sala A

Tendo o Sr. Candido de Frias tido conhecimento do facto, mandou proceder á excavação com todo o cuidado, do que resultou descobrirem-se o chão de duas salas mais ou menos forrado de mosaico, á profundidade de uns 12 palmos, salas que communicavam uma com a outra. Ha todas as probabilidades de que contiguas a estas salas appareçam mais. A pouca distancia appareceu um corredor fundo, que fazia parte da mesma construcção, e vae de Nascente para Sul; por elle cabe um homem á vontade. As paredes de todas estas construcções são feitas de schisto, rocha que abunda no local; em alguns sitios d'ellas notam-se vestigios de incendio.

A sala melhor conservada tem por um dos lados 6 metros e tanto, e por outro 5 e tanto; a espessura de uma das paredes é de 0^m,52. D'ella passa-se para a contigua por um resto de porta. Esta é pouco menor que aquella. Chamarei sala A á 1.^a, e sala B á 2.^a

O mosaico é polychromico, *opus vermiculatum*; as côres são: branca, azul-escura, vermelha e amarella; as *tessellae* consistem em pequenos

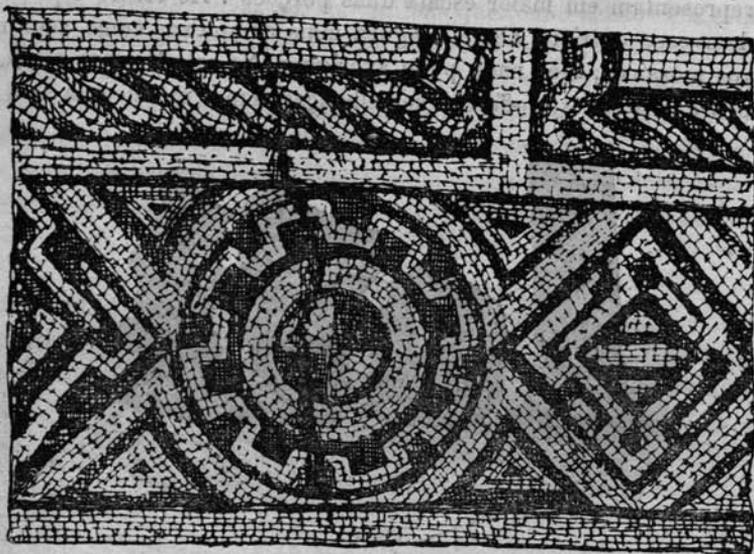


Fig. 2 — Porção do mosaico da sala A

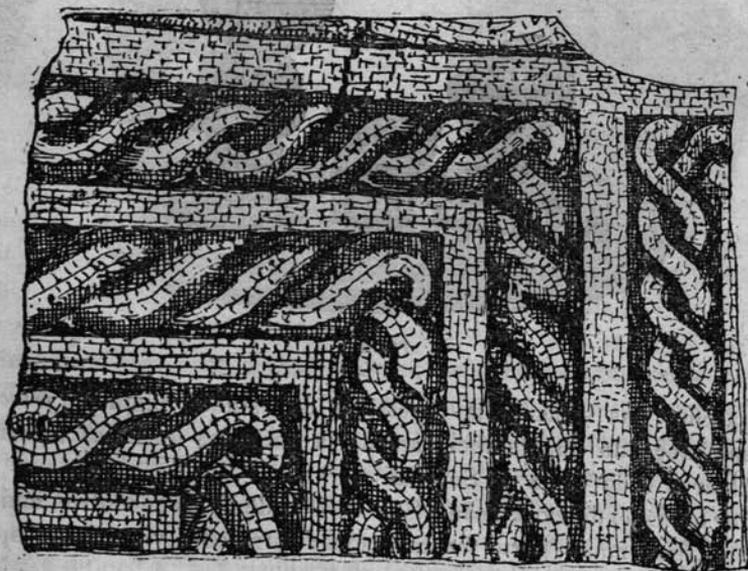


Fig. 3 — Porção do mosaico da sala A

cubos de pedra, como succede em geral nos mosaicos luso-romanos. Na sala A a parte do mosaico que está em bom estado é a lateral.

Das figuras juntas se vê, melhor que de uma descripção, a disposição dos desenhos do mosaico: a fig. 2 representa um conjuncto; as figs. 1 e 3 representam em maior escala duas porções¹. Ao centro é possível que houvesse outr'ora alguma figura mais complexa, como acontece noutros mosaicos, mas nada pude averiguar. Na sala B o que resta do mosaico que a reveste offerece semelhanças com o mosaico da sala A.



Fig. 4



Fig. 5

As paredes das salas eram revestidas de estuque pintado (*fresco*), á semelhança do que tambem acontecia em salas de casas romanas do Algarve e de Troia de Setubal.

Por occasião da excavação o Sr. Candido de Frias encontrou muitos objectos, pela maior parte fragmentados: entre elles vi, por exemplo,

¹ A gravura d'estas tres figuras e as das 4 e 5 foram feitas segundo photographias que o Sr. Dr. Manoel da Costa Rocha fez o favor de me enviar.

capiteis ou bases e fustes de columnas de pedra (vid. figs. 4 e 5); pedaços de grandes vasilhas de barro (bojos, asas, fundos), talvez de *dolia*, alguns com ornatos iguaes aos de vasilhas que tenho achado em estações archaicas da Beira; uma pedra, que tem certo feitio de capitel, mas com uma cara muito tosca esculpida numa das faces (vid. fig. 5); tijolos grossos, uns de fôrma quadrada, outros rectangular, dos que costumam servir nos *hypocaustos*, que quasi nunca faltavam nos edificios romanos de certa importancia ou conchego; numerosos pedaços de *tegulas* e alguns de *imbrices*, como a nossa actual; pesos de barro (*pondera*) pyra-



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

midaes, de tear, sem marcas, porém, nem letras; um cossoiro (*verticillus*) de barro com ornatos, de que dou aqui um desenho em tamanho natural (fig. 8); muitos pedaços de vasilhas pequenas e finas, de barro grosseiro; alguns pedacitos de vasos de barro mais fino, com ornamentação (vid. fig. 6, em tamanho natural); pedaços do chamado *barro saguntino*; mós pequenas (*molae manuariae*) (vid. fig. 5); um pequeno cãleiro de pedra; um machado de pedra polida; duas moedas romanas de bronze de pequeno modulo, uma do século IV, outra que ainda não pude examinar, porque o Sr. Frias a tinha emprestado; um pequeno cabo chato de osso e furado, que poderia ter feito parte de um instru-

mento perfurante (vid. fig. 7, em tamanho natural); raros fragmentos de objectos de ferro e de bronze; asas, ao parecer, de amphoras; um telhão do feitio indicado na fig. 9 (dimensões: 0^m,285 × 0^m,285); parte de uma pia (vid. fig. 4). Todos os objectos de pedra são de granito, que não existe na localidade, mas que podia ter vindo de Tralhariz, onde já ha esta rocha.

Quando proseguirem as excavações, é provavel que se alarguem os nossos conhecimentos á cêrca d'esta interessante estação romana, e só então se saberá se ella era uma simplez *villa* («quinta»), como me parece, ou uma povoação. No entanto notarei que por toda a quinta apparecem muitos tijolos, e pedras aparelhadas.

Em todo o caso, o que desde já se póde affirmar é que o dono d'esta estação era homem rico e de gôsto, como se vê do mosaico que vestia o chão das salas, e das pinturas que ornamentavam as paredes, e em certa medida se vê tambem dos restos da ceramica *sigillata*, que não

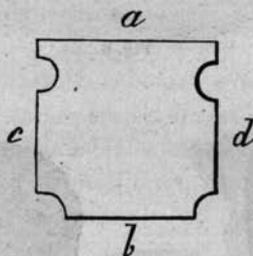


Fig. 9

se usaria na mesa de um pobretão, e alem d'isso se vê dos restos das columnas que aformoseavam esta confortavel vivenda. O caracter agricola da estação resalta da existencia das mós e do grande vasilhame. Nesse local se cultivava, como hoje, já certamente o vinho, porque, como diz o poeta, *Bacchus amat colles*; e bem proprio era o local para isso. Ao mesmo tempo que ali se preparavam farinhas para o serviço da mesa, o que se vê das *molae*, teciam-se talvez pannos e fiavam-se lãs, como se póde deduzir da existencia dos *pondera* e do *verticillus*. De facto na antiguidade havia teares em quasi todas as casas, o que explica que nas ruinas archaicas se encontrem pesos de barro em tamanha abundancia; isto succedia não só na epocha romana, mas mesmo já nas pre-romanas: no castro lusitano de Pragança, por exemplo, tenho achado numerosos pesos. E pesos sêmelhantes aos romanos se encontram nas estações pre-historicas de outros paises, segundo o que observei nos museus das estações lacustres da Suíça, nas antiguidades de Troia con-

servadas num museu de Berlim, etc. Os romanos não fizeram mais que continuar costumes de tempos anteriores ao d'elles. Assim como hoje se vae encontrando quasi em cada casa uma machina de costura, assim na antiguidade se encontrava um tear. Povoações ha ainda em Portugal onde as tecedeiras abundam. E não nos ficou só a tradição de tecer, ficaram outras annexas: é assim que em certa localidade do Norte de Portugal se usam nos teares pesos de madeira que imitam os pesos de barro romanos; no Museu Ethnologico tenho eu um. Os proprios pesos romanos de barro os tenho encontrado ainda hoje em teares; mas creio que isso é devido ao acaso, e não á continuidade da tradição. Os pesos pyramidaes de pau é que são sem dúvida tradicionaes, como são os cossoiros modernos, que imitam os antigos.

Para se determinar a data a que ascende a villa romana de Tralhariz podem ajudar as moedas. Uma d'ellas vimos que era do seculo iv.

A nossa imaginação, evocando, deante d'estes restos, o passado longinquo, faz-nos apparecer deante dos olhos, como numa camara optica, um pequeno quadro da vida antiga: uma casa de campo elegantemente construida, com sua columnata, com seus *pavimenta vermiculata*, com seus aparadores providos de ceramica de preço, vinda de longe, com seu tear, seus moinhos; em volta, desde o rio até o alto da quinta, uma chusma de escravos a trabalhar; o *dominus* a regular todo aquelle movimento. Mas não permitem os restos por ora achados ir muito longe nesta reconstrucção theorica, para não se cair no dominio da poesia.

A importancia das ruinas romanas da Ribeira está nisto: que, por um lado ellas estabelecem um elo entre as estações romanas que já se conheciam, d'aquelle lado do Douro, em Panoias, Alijó e Moncorvo; e que por outro revelam certo esplendor de civilização romana numa provincia onde até o presente o que se tem encontrado romano é de caracter geralmente barbaro. Com effeito ao norte do Douro é este, que me lembre, o segundo mosaico apparecido, sendo o primeiro o de Vizella, onde não admira que os houvesse, attenta a notoriedade das *thermas* do deus Bormanico, e a vizinhança de Bracara, a que Ausonio chama *dives*, «rica». Na epocha romana, mesmo no seu esplendor, o Norte offerece á contemplação do observador menos brilho que o Sul, o que, entre outras circumstancias, se manifesta no caracter da religião, pois o culto de deuses indigenas, de appellidos barbaros, manteve-se ahi até tarde com grande intensidade. Nada ha por ora no Norte que se equipare, por exemplo, aos productos da civilização romana do Algarve. A *villa* ou estação romana da Ribeira fórma um pequeno *oasis* nesta rudeza.

A vista d'estas ruínas da Ribeira fez-me lembrar a *villa*, também romana, de Nennig, ao pé de Tréveros¹, na Allemanha; ali appareceram igualmente casas, e um mosaico, que actualmente está muito bem resguardado num edificio proprio, onde os forasteiros e os estudiosos podem ir facilmente admirá-lo, como eu fui em 10 de Setembro de 1899, comprando lá por essa occasião um folhetinho com as vistas d'elle, intitulado *Die römische Villa und der Mosaikboden zu Nennig*, 1895, o qual dá todas as indicações historicas indispensaveis. Na epocha romana abundavam as *villas*. Conheçemo-las, entre nós, quer pelo onomastico moderno,—pois ha muitas povoações que se chamam *villas*, e que nunca o foram no sentido politico actual, mas que se chamam assim por terem sido outr'ora «quintas», ficando o nome inconsciente na tradição; quer pelos documentos medievaes, conservados nos archivos; quer directamente, pelas ruínas que ainda existem. *Villa* notavel era, por exemplo, em Portugal, a dos arredores de Leiria, e a dos arredores de Thomar, a que se chama communmente *Nabancia*,—uma e outra igualmente com mosaicos. As *villas* romanas correspondem egualmente á significação os *casaes* da Extremadura, as *herdades* do Alentejo, e as *quintas* de todo o país.

Quaes as razões pelas quaes a estação romana da Ribeira se arruinou não é facil dizê-las. Os vestigios que se encontraram de incendio permitem attribuir o facto a este; mas seria elle casual, ou entraria aqui acção violenta, por exemplo, a dos Barbaros, no seculo v? São problemas cuja solução fica insolúvel, pelo menos por ora.

Não se sabe da existencia de outra estação archaica nos arredores de Tralhariz. O machado de pedra que appareceu nas ruínas da Ribeira, e que ali estava, ou casualmente, como tantas vezes succede, ou por ter sido considerado *ceraunium* ou *ceraunus*, isto é, «pedra de raio», dos Romanos, não poderia servir só por si de prova de que o termo de Tralhariz foi povoado nos tempos prehistoricos; mas eu obtive outro, encontrado perto da povoação actual, e todos os aldeãos com quem fallei me notificaram o apparecimento de muitos outros. Não ha

¹ Esta cidade chama-se *Trier* em allemão, e *Trèves* em francês. Como o nome latino é *Treveri* no nominativo, e *Treveros* no accusativo, chamo-lhe *Tréveros* em português, para seguir o mesmo processo que se segue com outros nomes semelhantes: por ex.: *Veios*, em lat. *Veii*—*Veios*; *Thebas*, em lat. *Thebae*—*Thebas*; *Athenas*, em lat. *Athenae*—*Athenas*. Incidentemente notarei que é pelo mesmo motivo que devemos dizer *Pompeios*, e não *Pompeia*, como diz quasi toda a gente: de facto em latim o nome é *Pompeii*—*Pompeios* (cf. os meus *Estudos de philologia mirandesa*, vol. 1, pag. 389, nota 2).

pois dúvida de que aquelles territorios tiveram habitadores em epochas anteriores á dos Romanos. Percorre-se assim, durante uns poucos de seculos, a historia de Tralhariz.

*

Depois da minha visita ás ruínas, o Sr. Candido de Frias levou-me, com os outros companheiros, para a sua casa solarenga de Tralhariz, onde pernoitei, fidalgamente agasalhado e tratado, até que no dia 17 tornei outra vez a tomar o comboio, deixando com bastantes saudades aquelles sitios.

*

Para o serviço que o Sr. Candido de Frias Sampaio e Mello acaba de prestar á nossa archeologia todos os elogios são poucos. S. Ex.^a, com uma dedicação que não é nada vulgar, não só salvou da destruição este notavel documento da civilização dos nossos maiores, mas, o que é mais, pôs á disposição do Estado o terreno com as ruínas, offerecendo-o, em officio de 17 de Março de 1900, ao Conselho dos Monumentos Nacionaes, para este tomar conta d'elle, defendê-lo, e poder, querendo, continuar a exploração scientifica da estação romana. A fim de no Museu Ethnologico ficar esta desde já representada, auctorizou-me o Sr. Candido de Frias a trazer para cá alguns dos objectos encontrados, pelo que mais uma vez me confesso grato.

*

Oxalá que o Governo, como é de esperar, conceda a devida attenção ao generoso offerecimento que lhe foi feito: concedendo-a, contribuirá para o progresso dos estudos historicos e dará um exemplo que poderá servir de incentivo a actos semelhantes, praticados posteriormente por outros individuos que estiverem no caso do Sr. Candido de Frias. Em todos os paises civilizados se cuida das cousas do passado, das ruínas, dos monumentos, porque tudo isto se considera como documento historico, e como elemento educativo: é assim que no proprio interior da cidade de Paris se admiram, pela estima em que são tidas, as thermas romanas de Cluny, e a arena, tambem romana, de ao pé da rua de Monge. Em Portugal tem-se perdido muitas cousas, e continuam a perder-se todos os dias, — do que eu poderia infelizmente formar aqui larga lista; mas ainda é tempo de salvar importantes documentos archeologico-historicos. Acudamos-lhes, pois, em quanto isso se torna exequivel.

Lisboa, 27 de Março de 1900.

J. L. DE V.